DISCURSOS E CONFERÊNCIAS

O Seminário de Fortaleza e a cultura cearense (*)

F. ALVES DE ANDRADE

Incumbiu-me a Universidade Federal do Ceará de ser o seu intérprete, nesta solenidade em que se comemora o centenário do Seminário de Fortaleza.

Êste é um acontecimento, sem dúvida, dos mais significativos para a história da cultura brasileira, neste ângulo do Nordeste.

Marca no tempo o tombamento de um rico e abençoado tesouro, oculto na lembrança de muitos, para cujo reconhecimento devemos agora reacender os luzeiros da Pátria, como uma consagração.

Deslumbrado com as luzes desta solenidade histórica, em que se mostra, num entreabrir de cenário, a ancestral casa de educação, *célula mater* da nossa cultura, divina fábrica de caracteres humanos, por onde tive a felicidade de passar, como um dos seus alunos, sinto-me deveras pequenino para erguer a taça desta oração.

Singela, porém fervorosa, ela é testemunha da verdade, de quem deve o melhor da sua formação ao estilo rijo, austero e fecundo daquele humanismo fundamental em que se moldaram os espíritos de várias gerações que, em nossa terra ou fora de nossas plagas, hão vencido os embates da sorte e os caminhos ingremes do bem.

É que todos êles nutriram-se da animosa seiva da velha e nobre árvore, cuja fronde braceja nos impulsos de sua cultura e com os sadios influxos de uma filosofia...

Sejam as minhas palavras o incenso do devoto humilde, queimado religiosamente ao pé desta concha acústica, feita tribuna universi-

---

(*) Síntese histórica lida na Concha Acústica da Universidade do Ceará, por ocasião das festas comemorativas do Centenário do Seminário de Fortaleza — outubro de 1964.

tária. E subindo como uma prece para o alto, sirvam estas evocações para indicar, no pedestal de granito, o bronze em que se engastam os caracteres divinos dos eternos valôres humanos.

MENSAGEM DE FÉ DO SEU FUNDADOR

A 18 de outubro de 1864, era fundado por Dom Luís Antônio dos Santos, 1.º Bispo do Ceará, o Seminário de Fortaleza.

A esta personalidade augusta de antístite, considerado um dos homens mais ilustres do Império, portador de raro talento administrativo, deve-se a implantação das duas colunas mestras, basilares para a organização e vida da comunidade cearense.

São elas: o Seminário, destinado à formação do clero, logo aceito como o mais acreditado estabelecimento de ensino secundário no Ceará, em verdade, também, por seus cursos filosófico e teológico a nossa primeira escola de nível superior, e o seu irmão gêmeo, instalado no ano seguinte (1865), o Colégio da Imaculada Conceição.

As duas fundações seguiram de perto uma a outra, operando coordenada e mùtuamente nos trabalhos do culto, do ensino, na formação de sacerdotes, de líderes e de famílias cristãs.

Nós, os seminaristas, sem esconder os impulsos de simpatia da puberdade, chamávamos às alunas do Colégio da Imaculada as nossas primas. Muitos vinham mesmo do alto sertão com irmãs e primas educar-se em Fortaleza, ingressando os meninos no Seminário dos padres lazaristas e as meninas no Colégio das irmãs de São Vicente de Paulo.

Vinham nem sempre com o propósito de se consagrarem à fé, mas atraídos pelas luzes da instrução, que era a mais aprimorada e benéfica, a mais proveitosa pelos métodos, dedicação e capacidade de seus mestres.

O Bispo fôra realmente um inspirado, definira com segurança qual o tratamento sociológico a dar ao seu povo. Bebera as luzes de sua formação no Seminário do Caraça, em Minas Gerais, ali desenvolvendo as virtudes da inteligência e do coração, sob os desvelos dos padres lazaristas da Congregação da Missão.

Ordenando-se padre secular, pois a sua saúde não suportou o noviciado da Congregação da Missão, foi por Dom Viçoso, seu mestre e guia no Seminário do Caraça, onde exercera inicialmente o magistério, convidado a reger o Seminário de Mariana, um dos luzeiros dos Seminários no Brasil.

Mandado a Roma por Dom Viçoso, que assim lutou por aprimorar-lhe os conhecimentos, laureou-se em Direito Canônico.

Educador, mestre de humanismo cristão na mesma linha dos apóstolos de São Vicente de Paulo, foi assim escolhido, na segunda

metade do século 19, para o recém-criado bispado do Ceará, nova unidade da Igreja, determinada por Pio IX, conforme a bula *"Pro animarum salute"*, de 6 de junho de 1854. (1)

Propôs-se à formação do clero e à educação da família cearense. E fêz vir diretamente da França os padres lazaristas, a quem confiou o seu seminário, e as irmãs de caridade, a quem entregou o Colégio da Imaculada Conceição.

Trouxe para o Ceará o espírito de São Vicente de Paulo, espelho do pensamento e do coração da França humanista, cuja caridade floria por sôbre os escombros das guerras ou revoluções fratricidas!...

Mas, antes de chegarem os lazaristas, reuniu doze seminaristas, abriu as portas da primeira ala do edifício que êle fizera construir ao lado da Igreja da Prainha, e um *alter Christus*, com os seus jovens apóstolos, deu início aos trabalhos escolares a 18 de outubro de 1864, em cerimônia singela, mas tocante, diz um documento histórico. Assim começou o educandário, hoje centenário Seminário Provincial de Fortaleza. (2)

OS PRIMEIROS EDUCADORES EUROPEUS NO CEARÁ

Um mês após, precisamente no dia 18 de novembro, chegavam a Fortaleza os padres lazaristas Pedro Augusto Chevalier e Vicente Enrile. Aquêle, de nacionalidade francesa, natural de Saint Riquier, da diocese de Amiens, foi o primeiro Reitor do Seminário, e o segundo, de Savona, na Itália, foi professor de Moral no Seminário da nossa Capital, sendo mais tarde o fundador do Seminário do Crato.

Para Pedro Augusto Chevalier, "homem de virtude austera, extremamente sólida", a severa apreciação do dever era tudo, na expressão de um seu biógrafo. Não castigava, porém sabia admoestar, sem ofender. Traçou o Regulamento da Casa e fê-lo executar sob a sua vigilância e firmeza, durante 26 longos anos. A linha tradicional permaneceu de tal modo que, revendo as páginas do Álbum Histórico do Seminário, publicado em 1914, por ocasião das bodas de ouro de sua fundação, onde foram lançados os vigamentos funcionais, deixados pelo primeiro Reitor, verifica-se terem sido tão sábias as normas regulamentares, tão puras, tão essenciais à instituição, que pouco mudaram até o meu tempo, em 1930. (3)

Era êle oriundo de uma honrada família de agricultores. Extremamente severo para consigo mesmo, guardava, porém, sob a aspereza aparente, a afabilidade e a predileção para com os seminaristas, que o reverenciavam com ternura e amor.

Foi êle o fundador também de uma tradição de bondade, seguida por todos os seus sucessores até hoje.

REITORES QUE SUCEDERAM A PIERRE CHEVALIER

Ao santo Pedro Chevalier, que governou o velho Seminário de 1864 a 1891, seguiram-se os Padres Júlio Simon, de 1891 a 1907; Vicente Percnelle, de 1903 a 1914; Guilherme Vaessen — 1914 a 1927; Tobias Dequidt 1927 a 1933; Manuel dos Santos Ferreira — 1933 a 1941; Josefino Cabral — 1941 a 1949; Luís de Gonzaga Negreiros — 1950 a 1954; Dermival Montalvão — 1954 a 1957; Belchior Neto — 1957 a 1960; Vicente Zico — 1957 a 1963; Sebastião Agatão Dias — 1933 a 1964; e, finalmente, o atual Reitor do marco centenário, Monsenhor Geraldo Andrade Ponte. A êles, as homenagens de todos nós, as palmas festivas do Ceará!

Referimo-nos à tradição de bondade, firmada pelo santo Pedro Chevalier, tradição que Monsenhor Quinderé diz ter sido posta em prática por Dom Joaquim José Vieira e que os Reitores do Seminário de Fortaleza, sem exceção, adotaram, consoante a famosa regra de São Bernardo: "Que o Reitor veja tudo, dissimule muita coisa e castigue pouco: RECTOR OMNIA VIDEAT, MULTA DISSIMULET ET PAUCA CASTIGET." (4)

Não se pode estudar a influência do Seminário de Fortaleza sem remontar aos primeiros tempos e ver o quadro íntimo de trabalho entre êsse educandário, o Colégio da Imaculada e outras instituições a que professôres e alunos do Seminário dedicavam as suas inteligências.

CULTURA EUROPÉIA, ESPECIALMENTE, CULTURA FRANCESA DE BOA CÊPA

Logo após a vinda dos primeiros lazaristas, chegaram em 1865 as irmãs de caridade. Eram sete, como sete é o número de irmãs que a tradição diz terem sido as matrizes das famílias do Ceará: BAZET, GAGNÉ, MARIE, CASSIN, ROUCHY, LECORRE e GONÇALVES.

Subiam do pôrto pelas ruas ensolaradas da cidadezinha, "de pouco mais de 15 000 habitantes, com as suas 800 casas de tijôlo, das quais 60 assobradadas, perto dos arredores de areia, com 1 600 casebres de palha, quatro igrejas humildes, oito escolas primárias e o Liceu do Ceará, com uma centena de alunos". Fortaleza mostrava-se, como revela Renato Braga, em monumental pesquisa, "acolhedora e maledicente, doce e amarga". (5)

Aos cuidados das sacerdotisas da caridade, foi entregue o Colégio da Imaculada Conceição, onde, mais tarde, ergueu-se a Igreja do Pequeno Grande, cujo estilo gótico, contrastando com as linhas romanas do austero casarão do Seminário, destaca o sublime do espírito humano, com as suas ogivas e tôrres pontiagudas, cortantes, em demanda ao infinito.

Como as irmãs francesas, que cuidavam da Santa Casa e do Colégio da Imaculada, considerável foi o número dos clérigos franceses que serviram e ensinaram no Seminário: além dos reitores citados, Padres Bertrand Maria Prat, grande musicista; Arcádio Dorme, Marne, naturalista; Luís Dinet, historiador; João Luís Dumalard, Tiago Palasy, Manuel Dupis, Francisco Couturier, Leão Peyré, além de alguns outros. (6)

Tais instituições por êles dirigidas eram como um firme cais de desembarque da cultura francesa no Ceará. Ela floriu, frutificou, dominando a cidade, desde a segunda metade do século passado ao primeiro quartel do século XX. E surgiram as academias, os cafés, com nomes franceses, os clubes com expressões e moda francesa, móveis e objetos importados de Paris. Muitos sabiam expressar-se em francês com elegância e correção.

Não queremos fazer a apologia da imitação, nem consagrar o ridículo do exagêro a que chegaram alguns devotos da Europa, mas desejamos indicar a assimilação que se fêz de usos e costumes, de idéias e boas maneiras que então foram introduzidas, valendo melhor.

EMANCIPAÇÃO ECONÔMICA E SOCIAL, DESMEMBRAMENTO DE PERNAMBUCO

O desenvolvimento do Ceará, fundamentalmente pastoril, possuindo, porém, reservas naturais de solos e condições favoráveis a um processo de adaptação ativa do homem, tem os seus primórdios nos fins do século 18 para o comêço do século 19, alcançando mais decisivo impulso no ciclo do algodão.

Já em 1805, o algodão cearense chegou a sobrepujar, em valor monetário, a cana-de-açúcar pernambucana.

O Ceará, desmembrando-se de Pernambuco, estabelece diretamente o seu comércio com a Europa. As transações do Ceará com os portos estrangeiros cresceram de 65% entre 1858 e 1863; aumentou mais no período de 1863 a 1868, elevando-se a 75%. (7)

Conseqüentemente, a vida social revigora-se, desatando os laços que prendiam a mente do homem do Nordeste sêco à Casa Grande do Nordeste úmido. A Igreja cearense surge então, criada e ereta por Pio IX, conforme a bula *Pro Animarum Salute*. Religiosamente assim, o Ceará desvincula-se da Diocese de Olinda a que pertencia, como simples vigararia forânea.

O esfôrço para estabelecer uma nova estrutura e imprimir-lhe uma dinâmica funcional foi áspero, difícil, árduo.

O segrêdo do desenvolvimento das comunidades é a constituição de recursos humanos. Desta parte cuidou-se com empenho e carinho. Ao mesmo tempo que se forjavam os obreiros da religião, preparavam-se líderes para as diferentes atividades culturais. Não havia,

em relação à formação dos líderes civis, coisa alguma intencional. Tudo acontecia de modo informal.

Às portas do Seminário vieram bater jovens de todos os quadrantes do Ceará, filhos das principais famílias que habitavam fazendas ou vilarejos dos sertões longínquos e serras alterosas. Convidados para serem padres, êste objetivo colhia uma ínfima parcela, pois a maior parte saía para atividades civis ou profissões liberais.

De 1864 a 1964 passaram pelo Seminário 4 100 alunos, dos quais 3 295 procedentes do Ceará e 573 de outras dioceses. Do número total de discentes ordenaram-se apenas 677, sendo 510 do Ceará. Assim, 17% apenas, aproximadamente, foram ter ao sacerdócio, enquanto os 83% destinaram-se ao universo das atividades no engrandecimento do nosso país.

Dos 677 ordenados, 17 foram consagrados bispos que, com as luzes da sua inteligência, o talento de sua operosidade e as graças de suas virtudes, multiplicaram as messes do Senhor e tornaram mais amplos os caminhos do bem.

Prolongaram e fizeram estender até os dias incertos do presente aquêle impulso missionário que foi e continua sendo o misterioso vigor da unidade nacional. É que a marcha da civilização brasileira coincide com a marcha da evangelização de Nóbrega e Anchieta, assegurando a coesão moral e a fidelidade dos catequizados, plantando escolas, erguendo instituições e colégios, garantindo o funcionamento dos engenhos e fazendas, lavouras e criações de gado.

Os altares, os púlpitos, as igrejas são cátedras de ensinamentos que descem e vão até o povo. São a única escola que teve o selvagem e continua tendo o analfabeto, são o ponto de confraternização entre consciências e culturas, onde se quebram as barreiras sociais, fazendo dissolver na unidade da fé as diferenças políticas e regionais. São o comando ético da nacionalidade.

"Na organização social do País, assevera com razão o Padre Júlio Maria, o missionário competiu com o estadista, com o legislador e o excedeu..." (7)

O Seminário de Fortaleza é uma destas tôrres avançadas da fé. Olhai para as nossas cidades, vilas e povoados e considerai que tôda a história do desenvolvimento urbano e rural cearense está ligada a êle por seus apóstolos, sacerdotes e obreiros.

E aqui nos vem à lembrança a poética legenda de Afonso Arinos: "Em cada crista de monte, em cada chã de morro que domine um povoado, lá está plantada a cruz, abrindo os negros braços, batidos de sol, lavados de chuva, lascados não raro pelo raio e sacudidos pela ventania." (8)

O SEMINÁRIO DE FORTALEZA NA HISTÓRIA DA CULTURA DO NORDESTE

No estudo da história do Ceará, continua quase intacta a jazida sagrada que guarda o testemunho da formação das nossas instituições escolares. Do Seminário da Prainha parte o filão que mergulha por todos os quadrantes de nossa terra.

Irmão do Seminário de Fortaleza é o Seminário do Crato, fundado pelo Padre Lourenço Enrile, bem assim os demais seculares, cujos fundadores saíram do ancestral educandário.

Onde, porém, a influência mais amplamente sucede é no setor do ensino secundário e nas escolas de nível superior, cuja docência tem sido procurada por antigos seminaristas.

Antes do Seminário existia, preludiando o trabalho educativo, em Fortaleza, o velho Liceu do Ceará. A 8 de janeiro de 1863 era fundado o Ateneu Cearense, em cujos estatutos figuram, como fins do colégio, firmar a juventude em sólidas bases de instrução literária, a fim de poder a seu tempo aplicar-se com proveito aos estudos maiores nas Academias e Seminários do Império. (9)

A cadeira de Filosofia do velho Ateneu estava entregue ao Dr. Teófilo Rufino Bezerra de Menezes, pouco mais tarde saído do Seminário de Fortaleza, onde recebera clássicos ensinamentos. (10)

Outros estabelecimentos, fundados naqueles remotos tempos, iam-se difundindo graças à mão-de-obra docente de padres e ex-seminaristas: o Panteão Cearense, instalado em 1870, o antigo Colégio Cearense, sob a responsabilidade do Padre Luís Vieira da Costa Perdigão (1872), o Colégio São José, do Padre Dr. Ananias Correia do Amaral; o Instituto Cearense de Humanidades, do Padre Bruno da Silva Figueiredo, o Colégio Universal, aberto a 4 de fevereiro de 1875, onde, entre os seus professôres, figuram ex-seminaristas como Teófilo Rufino Bezerra. O Ginásio Cearense, do Professor Anacleto de Queiroz, rivalizou na importância, diz-nos Raimundo Girão, com o Ateneu e dêle foram professôres Agapito dos Santos, aluno da primeira turma do Seminário de Fortaleza, Padre Frota, professor do mesmo Seminário, Godofredo Maciel e outros. (11)

Longa é a lista dos que, tendo recebido no Seminário da Prainha as luzes das letras clássicas, deram a sua contribuição aos novos institutos, colégios, escolas, contribuição que se estende aos nossos dias, floresce e frutifica cada vez mais.

Filho do Seminário de Fortaleza, testemunham ainda as gerações presentes, é o atual Colégio Cearense do Sagrado Coração de Jesus, cujos fundadores saíram das fôrmas de bronze daquele ancestral viveiro, instalado pelos nobres, virtuosos e cultos sacerdotes cearenses, Climério Chaves, José Quinderé, Otávio de Castro, de saudosa me-

mória, e Padre Misael Gomes. A capelinha do Colégio Cearense é uma cópia da capela do Seminário Menor de Fortaleza.

Sob os influxos embora indiretos do Seminário de Fortaleza, hão crescido também diversos colégios, como o São Luís, o São João e outros. Mais tarde, padres do Seminário reorganizaram o Colégio Castelo Branco, adquirido pela Arquidiocese.

A Escola Normal Justiniano de Serpa, hoje Instituto de Educação, viu não só entre os seus professôres antigos seminaristas, mas diretores dos mais provectos, os quais serviram com as suas mentalidades no trabalho de formação do maior contingente de professôres destinados ao ensino primário no Ceará.

Não há tempo para aqui qualificar o copioso acervo de ginásios, colégios e casas de educação, disseminados pelos que tiveram a sua formação no secular estabelecimento de educação. Convém não esquecer que o jovem estudante pobre, que deixava a batina, não podendo continuar os seus estudos, entregava-se ao magistério, onde muitos encontraram a sua definitiva vocação.

Do Seminário de Fortaleza, outros saíram para a Faculdade de Direito, mestres bacharéis, juristas de renome, escudados no conhecimento clássico recebido, ou se tornavam líderes, armados de ensinamentos, na política ou administração local, bancários e banqueiros, jornalistas, prefeitos diligentes, magistrados, advogados provisionados, hábeis tabeliães, acreditados no fôro e na sociedade, tão hábeis como instruídos em Direito.

Há também, procedentes do Seminário, grandes valôres da literatura pátria, como Austregésilo de Ataíde, atual Presidente da Academia Brasileira de Letras, filólogos do porte de Fausto Barreto e José Arrais de Alencar. Avultam historiadores como Capistrano de Abreu, poetas da estirpe de José Albano, Barbosa de Freitas e Paula Ney.

E, no mundo das profissões liberais e tecnológicas, uma plêiade de professôres, médicos, engenheiros, industriais, grandes e pequenos comerciantes, homens de emprêsa, agricultores, agrônomos e técnicos diversos. Não falarei dos que ocuparam lugar de destaque no Parlamento e Assembléias Legislativas do Ceará e do Nordeste, tema para outras pesquisas. (14)

PARALELO DE DUAS LIDERANÇAS

Pode-se situar no Nordeste duas lideranças culturais dessas casas tradicionais de sacerdotes: uma, oriunda do Seminário de Olinda — liderança do Nordeste úmido. E a do Seminário de Fortaleza, liderando o Nordeste sêco. O Seminário de Olinda produziu os clérigos revolucionários das revoluções liberais de 1817 e de 1824, que eram, segundo a conceituação de Gilberto Freire, uns bacharéis de batina.

Desta estirpe, o Ceará recebeu a figura de estadista notável que foi o Senador Pompeu. Em relação ao Nordeste sêco, o Seminário de Fortaleza rasgou outros horizontes, aquêles do humanismo solidarista do século XX, humanismo que desembarcou com os padres da Congregação da Missão e senhoras de caridade, herdeiros de São Vicente de Paulo.

Se o Seminário de Olinda nos deu os Padres Alencar e Pompeu, o Seminário de Fortaleza brinda hoje a Pernambuco com a amplitude do humanista Dom Hélder Câmara.

O ensino literário clássico, dirigido às elites, era, porém, fundamentado em uma filosofia, tinha sentido de ordem e universalidade. "Êsses alunos de colégios de padres, uma vez formados, foram elementos de urbanização e universalização." (11)

O Seminário de Fortaleza, como o de Olinda, operou entre nós num sentido universitário. Foi realmente, e nas condições dos primeiros tempos, a nossa primeira universidade. Olhem para o trabalho de extensão universitária que os professôres padres, seminaristas e ex-seminaristas realizaram segundo o seu estilo. Vejam o que o Seminário nos trouxe da Europa, seus mestres franceses e holandeses da Congregação da Missão, seus professôres de Filosofia, de Teologia, de Direito Canônico, de História e Hermenêutica, de Ciências Naturais, vindos de universidades européias os quais muito contribuíram para a formação do pensamento do Ceará!

Devo, numa evocação da minha mente e do meu coração, dar o meu testemunho, como aluno que fui de Tobias Dequidt, Josefino Cabral, Pedro Zingerlé, João Rentijes, Otávio de Castro, José Barbosa Magalhães e outros, não menos ilustres, que deixaram nos estudantes da minha geração uma semente profundamente universitária do mais robusto humanismo cristão!

A QUESTÃO SOCIAL E OS MESTRES

O Seminário de pós-revolução, de 1930, foi, sem dúvida, a casa de estudos que melhor recebeu e transmitiu os influxos do pensamento e ação social. A *Rerum Novarum* e a *Quadragesimo Anno* eram analisadas por professôres e alunos. A partir do Padre Reitor Guilherme Vaessen, pioneiro da fundação dos círculos operários católicos, e com a Reitoria do Padre Tobias Dequidt, viveu o Seminário Maior momentos de intensas atividades filosóficas e sociais.

Dom Hélder Câmara, então aluno do curso teológico, foi o líder autêntico dessa renovação. Fundou-se o Centro de Estudos Santo Tomás de Aquino. Tobias Dequidt foi um dos espíritos vibrantes a despertar o entusiasmo da juventude, instituindo conferências de Sociologia.

O aluno Hélder Câmara, cujo talento se ergula por sôbre os paredões e muralhas do claustro, espiava lá fora os movimentos esboçados em tumultos. Lia e relia os princípios da filosofia tomista, compêndio adotado, cujo autor, Reinstadler, expressava em latim os nobres ensinamentos. E, em estilo eloqüente, dirigia-se ao povo pela imprensa ou coordenava as sessões dos moços católicos no Instituto Epitácio Pessoa.

A filosofia que aprendíamos, ensinada pelo Padre Dr. Josefino Cabral, laureado na Universidade Gregoriana, dava aos combatentes do centro de Estudos do Seminário o seu escudo e os dardos para a luta em defesa dos ideais cristãos.

Aprendíamos nos princípios de Santo Tomás e Aristóteles a filosofia natural do espírito, a filosofia da evidência, a filosofia do ser, a filosofia da inteligência: *scientia rerum humanarum cognoscibilium per causas vel rationes ultimas naturali lumine comparata.*

E, enquanto filosofávamos, íamos seguindo o movimento popular católico dos círculos operários, os debates do integralismo e da legião cearense do trabalho.

A 1.ª missa de Dom Hélder Câmara, na igreja da Prainha, foi acolitada pelos líderes militares Severino Sombra e Jeová Mota.

Padre Tobias Dequidt, positivo e penetrante, analisava os textos das encíclicas, expunha a doutrina social da Igreja, de modo que em relação às mesmas colhêssemos o que devíamos reverenciar: *sancte inviolateque servanda sunt posita.*

Verdadeiramente, Padre Tobias era um mestre, não só profundamente conhecedor de dogma, de moral e de filosofia, mas expunha bem e conhecia melhor ciências físicas e Química, cujas lições, repassadas com vivacidade e clareza, revelavam o completo domínio que êle tinha dessas matérias. Discutia bem os problemas no quadro-negro, deduzindo fórmulas, traçando gráficos com segurança e agudeza nas resoluções.

Padre Josefino Cabral, culto, enérgico, austero ao extremo, observando-nos muito, ajustava a disciplina sem concessões, pregava um comportamento quase estóico e exigia o dever das lições bem sabidas. A lógica, as questões de metafísica, a critériologia, a crítica dos sistemas filosóficos eram afinal realmente aprendidas.

No Seminário-Menor, Monsenhor Otávio de Castro mantinha o ensino da Literatura em alto estilo universitário, despertava em nós o interêsse pela arte literária. Ensinando-nos também História do Brasil nos ministrava civismo.

Forte, altivo, diplomata nos gestos e sempre jovial em tudo, era para nós como uma árvore carregada dos frutos da esperança. Devo-lhe o estímulo e o gôsto que soube formar em mim pela literatura.

Padre José Barbosa Magalhães, o santo Padre Zèzinho, foi o nosso professor de História Natural. Dêle ouvi as primeiras lições

de Botânica, de Zoologia, as primeiras curiosidades sôbre Genética e Mendelismo, sem pensar que mais tarde seria agrônomo e professor de Zootecnia. Simples, humano e bom, com um vasto espírito de tolerância e perdão, era um entusiasta da Biologia. Doutrinava com tôda a fé em si, em Deus e até em nós mesmos...

UMA RELÍQUIA VIVA DO SÉCULO

Padre Pedro Zingerlé, o Vice-Reitor do Seminário, e ecônomo da Casa, era nosso professor de Francês. As suas preocupações eram tantas e diversas, mas as aulas tinham o seu comparecimento certo, os cadernos eram todos corrigidos, a sintaxe do velho Halbourt observada com radical conhecimento e rigor. Mas, Padre Pedro, simples, muitíssimo humano e bom, dividia com todos a sua paciência, o seu tempo e o seu coração.

Suas palavras, cheias de graça e de um humorismo elegante, vivo, em alto estilo, quase à moda Bernardo Shaw, continham delicadeza para com aquêles a quem chamava de "miseráveis", apelido carinhoso, ao contrário de "pobrezinho", significando isto uma quase repreensão.

"Ó! miseráveis, dizia para alguns seminaristas, eu só queria poder fazer sacerdotes as vossas mamães." É que as mães eram sempre as mais interessadas pela ordenação dos filhos.

Recordando o seu tempo de estudante, assim concluía: "A gente não traquinava como vocês. A semana hoje, como no meu tempo, tem seis dias. Nós tínhamos um feriado; vocês têm sete..."

Natural de Vallerange, na Lorena Alemã, onde nasceu em 1875, assim relembrava a ação social em sua terra: — "A minha Lorena é modêlo para o mundo inteiro. Quando o Papa lançou esta "triste" Ação Católica de que vocês falam tanto sem compreender, já o meu povo a praticava integralmente." (12)

SAUDAÇÕES DA UNIVERSIDADE

Ao comemorar um século da fundação do Seminário, Padre Pedro Zingerlé, que dedicou ao mesmo mais de sessenta anos de sua existência na terra, é, aos nossos olhos, como uma visão profética, harmoniosa e feliz de São Vicente de Paulo.

É êle uma relíquia viva, ligada para sempre às mais belas tradições da cultura religiosa da Terra da Luz.

Ao Padre Pedro Zingerlé, a Dom José Delgado, o Arcebispo humanista do nôvo século, a Monsenhor Geraldo Andrade Ponte, o Padre-Reitor que tem em suas mãos o marco centenário, as saudações da Universidade do Ceará.

Que os sinos centenários da Prainha, estremecendo em suas tôrres para cantar com as suas vozes de bronze as glórias do Seminário de Fortaleza, possam encher o infinito azul com o *magnificat* das nossas saudades e doces recordações...

BIBLIOGRAFIA

1, 2, (1) "Álbum Histórico do Seminário de Fortaleza do Ceará" — em comemoração das bodas de ouro de sua fundação — 1914-1920.
Azevedo, Fernando de — "A Cultura Brasileira" — Introdução ao Estudo da cultura no Brasil — 1944.

(4) Quinderé, — Monsenhor José — "Dom Joaquim".

(5 e 7) Braga, Renato — "História da Comissão Científica de Exploração" — Imprensa Universitária do Ceará — 1962.

(8) "Discursos na Academia Brasileira de Letras".

(6,) 9 e 11 — Girão, Raimundo — "Geografia Estética de Fortaleza" — Imprensa Universitária do Ceará — 1959 e "História Econômica do Ceará".
"Educandários de Fortaleza" — Imprensa Universitária do Ceará — 1956.

(12) Adsum — Dezembro de 1959 — "Revista do Seminário de Fortaleza" — Oficinas do jornal "A Fortaleza".

(13) Nota: "Sociografia das vocações sacerdotais". Vide jornal "O Nordeste". de 18 de outubro de 1964 — Reportagem de Luis Orlando Rodrigues e Roberto Araújo Farias.

(14) Nota: Sôbre a contribuição do Seminário de Fortaleza à cultura geral e política, vide na Revista do Instituto do Ceará, número de 1964, o valioso estudo do Deputado Plácido Castelo, sócio do Instituto.

NOTA: Para documentar, veja-se em "O Nordeste" de 18 de outubro de 1964, a notícia — "Sociografia das Vocações Sacerdotais", reportagem de Luis Orlando Rodrigues e Roberto de Araújo Farias.

Conforme levantamentos realizados, são os seguintes os dados referentes à matrícula e ordenações sacerdotais no Seminário de Fortaleza, desde a sua fundação até completar um século, em 1964:

PROCEDENTES DAS DIVERSAS ZONAS FISIOGRÁFICAS DO CEARÁ

Zonas Fisiográficas	Matrículas	Ordenações
Zona do Litoral	1 346	156
Zona do Sertão Central	296	29
Zona do Sertão Centro-Norte	322	64
Zona do Sertão do Sudoeste	118	40
Zona do Sertão do Baixo Jaguaribe	158	26
Zosa do Sertão do Médio Jaguaribe	54	7
Zona do Salgado e Alto Jaguaribe	215	61
Zona do Araripe	40	5
Zona do Pereiro	18	4
Zona de Baturité	419	37
Zona da Ibiapaba	144	30
Zona do Cariri	206	51

PROCEDENTES DOS DIVERSOS ESTADOS DA REPÚBLICA

Estados	Matrículas	Ordenações
1. Ceará	3 295	510
2. Acre	12	—
3. Amazonas	50	6
4. Pará	37	6
5. Maranhão	50	15
6. Piauí	103	40
7. Rio Grande do Norte	160	58
8. Paraíba	79	16
9. Pernambuco	37	8
10. Alagoas	4	2
11. Sergipe	8	1
12. Bahia	3	1
13. Minas Geraes	1	1
14. Mato Grosso	3	—
15. Rio de Janeiro	7	—
16. São Paulo	6	—
17. Rio Grande do Sul	4	—
Não declarados	232	10

Conferência Proferida Pelo Professor Luís Sucupira em 16-10-64, no Auditório da Faculdade de Direito da Universidade do Ceará

Nestas comemorações da primeira centúria de instalação do Seminário da Prainha, mais do que oportunas e por todos os motivos recomendáveis, fôrça é retrotrair no tempo e procurar situar, no seu verdadeiro espaço, os acontecimentos cujos efeitos desbordam em êxitos maravilhosos, e cujos resultados profícuos muito concorreram para o alevantamento e expansão do meio cultural cearense.

Já vão bem longe os dias que marcaram a chegada a Fortaleza do primeiro bispo da Diocese, criada em virtude da Lei de Assembléia Geral de 10 de agôsto de 1853 e erigida canônicamente em 6 de junho de 1854, pelo Santo Padre Pio IX, com a bula **Pro Animarum salute**. A cátedra da nossa diocese, porém, sòmente sete anos depois, em 29 de setembro de 1861, seria realmente preenchida pelo cônego da Catedral de Mariana, Luís Antônio dos Santos, Doutor em Cânones e Diretor do Seminário daquela cidade. Escolhido por Decreto imperial de 31 de janeiro de 1859, para ocupar a sede episcopal cearense, foi o zeloso e prudente cooperador do sábio e santo D. Viçoso, preconizado no consistório de 28 de setembro de 1860 e confirmado pelas letras apostólicas **Nobis ex Alto** do Santo Padre Pio IX, recebendo a sagração episcopal das mãos do seu bispo no dia 14 de abril do ano seguinte.

Com o início do episcopado de D. Luís Antônio dos Santos, o Ceará libertava-se eclesiàsticamente da tutela da Diocese de Olinda, de que era vigararia forânea e passava a perlustrar novos caminhos da senda espiritual, até então pràticamente obscura, visto como, neste terreno, escasseavam guias seguros ante a enorme indigência de arautos da fé, capazes de fazer conhecida e praticada a sã doutrina cristã.

Por isso, o recém-vindo antistite, "um dos homens mais ilustrados do Império", na opinião de Cândido Mendes de Almeida, iria defrontar uma tarefa difícil, pois teria de começar pelo princípio,

numa terra agitada pelos movimentos jacobinistas e pelas desordens políticas, onde o clero, apesar de raro e pouco preparado, se apresentava como elemento de maior destaque nas manifestações reacionárias contra os governos, fôsse no tempo da Colônia, fôsse nos primórdios do Império.

Como não se antolharam difíceis a D. Luís os primeiros passos do seu episcopado, numa terra em que tudo faltava, desde o mínimo necessário à vida material até o mais modesto na ordem social e intelectual.

É certo que a cidade já não oferecia aquêle aspecto deplorável que Henry Koster observou nas suas **Viagens ao Nordeste do Brasil** em 1809, onde, sôbre terra arenosa, apenas quatro ruas, partindo de uma praça, corriam sem conexão, embora paralelamente.

Graças ao boticário Ferreira, que tomou a peito aplicar o plano de urbanização do Cel. de Engenheiros José da Silva Paulet, português de ascendência francesa e ajudante-de-ordens de Manoel Inácio de Sampaio, a cidade, naqueles idos de 60, com a contribuição elogiável do Engenheiro Adolfo Herbster, começava a desenvolver-se dentro de uma disciplinação urbanística, embora ainda sobremodo acanhada, com lindas na rua Boa Vista, hoje Floriano Peixoto, até a Rua do Patrocínio, hoje Gal. Sampaio, cruzadas perpendicularmente por várias travessas, que principiavam na do Quartel, hoje Rua Dr. João Moreira, e findavam na da Alegria, agora Pedro Pereira. Segundo o **Ensaio Estatístico** do Sen. Pompeu, publicado em 1863, a população citadina atingia apenas 16.000 almas, na maioria alojadas em 960 mesquinhas casas de tijolo e telha, espalhadas em oito ruas e três praças, onde existiam cacimbas públicas. Dessas ruas só três eram calçadas com pedras ferruginosas, extraídas dos arrecifes que bordavam o litoral, enquanto atendiam a vida espiritual do povo as igrejas do Rosário, Patrocínio, São Bernardo, Conceição da Prainha, e a antiga Matriz de São José, a Catedral. O resto era o descampado, a areia sôlta, salpintada de casebres entre cajueiros e muricis, emoldurados pelo coqueiral das praias, açoitadas pela ventania e entregues à sanha avassaladora das imensas dunas, que davam ao viajante a idéia de pequeno Saara, donde, talvez, o topônimo Ceará.

Retratando, na época, a cidadezinha, destacava o pastor protestante Daniel Kidder essa feição de ser ela construída sôbre areias. E assim desabafava seu desapontamento: "Se andamos a pé, a areia incomoda os pés; se o sol está quente, ela nos queima, e, se sopra o vento, a areia enche-nos os olhos." São de areia os leitos das ruas e os passeios laterais, com exceção de pontos pavimentados com lajes ou tijolos. Quer se saia a pé, quer a cavalo, ou nalgum veículo, a areia nos incomoda sempre. "E NÃO RARO SÃO NECESSÁRIOS DEZ BOIS PARA PUXAR UM SÓ CARRO."

No entanto, houve turistas daquelas eras que não desmereceram o aspecto da pequena urbe, entre êles figurando o sábio suíço Luís Agassiz, que, na sua **Voyage au Brésil**, afirma ter gostado da cidade do Ceará, quando nela estêve entre 1865 e 1866. Acrescenta que lhe agradaram as ruas largas e limpas, bom calçamento, ostentando tôda sorte de côres, pois as casas que as ladeiam são pintadas dos mais ousados tons. Adianta que "Ceará não tem êsse ar triste, sonolento, de muitas cidades brasileiras. Sente-se movimento, vida, prosperidade. Aos domingos e dias festivos, tôdas as sacadas se enchem de alegrias "tolletes" e grupos masculinos enchem as calçadas, conversando e fumando."

Não se tratava de mera cortesia de visitante amável, pois o elogio era quase na mesma época repetido por André Rebouças, no seu **Diário**, quando afirma: "À exceção de Tours, na França, não vi nenhuma cidade na Europa que igualasse a Fortaleza; parece ter-se pintado e calado na véspera para ser apreciada pelo estrangeiro."

Agradecemos tão bondosas palavras, mas não esqueçamos que tudo ainda estava por fazer na comunidade nascente, iluminada apenas por 48 lampiões queimando azeite de peixe, e que trancava as portas mal batiam as oito horas da noite. A instrução pública e particular era das mais rudimentares, funcionando uma dúzia de escolas primárias, figurando o Liceu do Ceará, instalado em 19 de outubro de 1845, como o único estabelecimento de ensino secundário destinado à mocidade masculina e com freqüência não excedente de 70 alunos. Nos começos de 1863 inaugurou João de Araújo da Costa Mendes, que trazia credenciais de professor do célebre instituto Abílio Borges, da Bahia, o Ateneu Cearense.

Mas, no geral, o ambiente intelectual da cidade apresentava-se bisonho e desamparado. Dirigindo-se à Assembléia Legislativa, o Presidente da Província, Antônio Marcelino Nunes Gonçalves, dizia: "Nenhum incentivo encontraram os professôres para as grandes dedicações que exigem o magistério e, com a insuficiência e mesquinhez mesmo dos vencimentos, que atualmente lhes são atribuídos, e, por efeito disso, a falta de pessoas suficientemente habilitadas, que se propunham tão penosas ocupações, a ausência de uma inspeção ativa e inteligente sôbre cada uma das aulas e a carência de edifícios apropriados, com os indispensáveis móveis, são as causas que mais atuam para o estado pouco lisonjeiro da instrução pública na Província." E justificando a falta de professôres capazes, informava que "os que se apresentam não resistem vantajosamente à prova de um exame escrupuloso".

Logo depois, o Presidente Lafayette Rodrigues Pereira, no seu **Relatório** de 1864, insiste nessa deficiência de "um magistério morigerado, com as habilitações necessárias". E isso porque o "indivíduo que se sente com certas habilitações prefere mil outras carrei-

ras que lhe abram às esperanças largos horizontes, à vida obscura de mestre-escola, que o sujeita a um trabalho penoso, inflige-lhe no presente duras privações e promete-lhe no futuro a pobreza. Daí só aspirar ao professorado aquêle que é tão inepto que não pode viver de sua indústria particular, tornando-se destarte o professorado refúgio da inabilidade".

A êsse propósito, impressionante é um depoimento do então Padre Lino Deodato, depois elevado às culminâncias do episcopado paulista, narrando seus sofrimentos de professor primário em carta ao jornal "O Cearense", publicada no dia 21 de dezembro de 1856. Diz êle: "Tenho entre ordenado e gratificação a diária de 1$360!!! Deixo ao público sensato a apreciação do modo vantajoso por que o govêrno de minha província retribui os trabalhos e fadigas dessa classe de empregados, de que tanto se exige. Mal subvencionados, tendo a obrigação de sustentar família, recorrem a empréstimos e a tal ponto chega o débito que se torna impossível pagar com o ordenado."

Mas não era sòmente da indigência material, da indigência intelectual, da indigência cultural que padecia a população do Ceará naquela fase de amalgamento da sua civilização incipiente. Era também o abandono da formação religiosa. O Presidente Almeida Rêgo, dirigindo-se aos deputados estaduais em 1851, lamentava que "aos alunos que freqüentam nossas escolas lhes seja ensinado nenhum princípio de moral e da religião", acrescentando: "nisso achareis certamente a causa da maior parte dos nossos males". No ano de 1852 voltava a bater na mesma tecla, afirmando: "Nas nossas escolas são olvidados os princípios de moral e religião, desprezando-se, assim, a primeira alavanca da civilização e do progresso social." Outro Presidente, o Dr. Joaquim Vilela Tavares, abrindo a sessão da Assembléia Estadual em setembro de 1853, sustentava que "a instrução primária, inseparável da educação moral e religiosa, é a mais sólida base da moralidade de um povo. Entretanto, essa necessidade social não tem merecido, em nossa província, os desvelos de que é credora".

Êsse abandono espiritual, que tanto preocupava as autoridades públicas, decorria, em grande parte, da insignificância e até ausência do ministério sacerdotal. O Clero, além de escasso e ignaro, movia-se à margem da sede episcopal, só de longe em longe visitado por delegados dos bispos, os quais, no testemunho fidedigno e autorizado de Monsenhor Bruno Figueiredo, "não podiam remediar tôdas as faltas que se notavam no regime das almas, entregues, na sua máxima parte, a homens que não podiam atacar os vícios, que não sabiam apontar a boa doutrina, que, enfim, não tinham um tirocínio sacerdotal que os habilitasse a bem apascentar os seus fregueses".

A religião, no caso, era mais obra de educação familiar, transmitida junto aos oratórios repletos de santos de tôda a qualidade, numa confusão pinturesca e espetacular; e, se se mantinha o espírito católico, era menos por fôrça de uma formação adequada e esclarecida do que por um sentimento visceralmente tradicional, alimentado por procissões acompanhadas de ruidosa foguetaria, mais ou menos carnavalescas. Numa palavra: um catolicismo penetrado de exterioridades e de exibições, dentro do qual a consciência esvaziava-se da compenetração dos deveres religiosos, com isso alastrando-se uma espécie de ojeriza à vida sacramental.

D. Luís Antônio dos Santos compreendeu desde logo o magno problema que precisava enfrentar e resolver. E convenceu-se, como informa o autor de **Os Primeiros Bispos do Ceará,** de que seria baldado qualquer esfôrço no sentido de elevar o Clero decaído se não contasse com um instrumento valioso para a formação de levitas do Senhor, dedicados inteiramente à obra de cura e salvação das almas.

A tradição e a realidade que defrontavam no campo das atividades ministeriais eram das mais desoladoras. As revoluções de 1817 e 1824 haviam devastado, de maneira lamentável, a seara pastoral católica, arrastando para movimentos armados os mais destacados representantes da Igreja na vida paroquial. Como diz o Barão de Studart, foi o Clero a classe que mais aderentes e partidários conseguiu fazer no Brasil das novas idéias. E Oliveira Lima demonstra que "a revolução de 1817 foi uma revolução de padres, que, pelo menos, constituíram o seu melhor elemento. A lista dos que dela participaram abrange, no avultado número, cônegos e governadores de Bispados, vigários e coadjutores, padres regulares e seculares, sendo que só entre prisioneiros enviados à justiça da Bahia puderam ser contados cinqüenta e sete sacerdotes. Proclamada a Independência, são os padres quem ocupa a maioria das cadeiras nas Côrtes Constituintes, o que implicava abandono total das suas sagradas funções, donde afirmar Oliveira Lima que "padres assim políticos não podiam ser sacerdotes de vida canônicamente exemplar".

Tendo-se habituado mais às lutas pelo poder temporal do que aos sacrifícios pelo cuidado espiritual do rebanho que lhes era conferido, havendo ainda a incitar-lhes o ânimo fogoso a péssima formação no Seminário de Olinda, ninho de idéias subversivas, em que funcionavam como professôres padres oratorianos, eivados de jansenismo, defensores das doutrinas cartesianas e outros religiosos ou leigos dominados pelos mitos da revolução liberal, pouco se podia esperar de tais operações na ceifa da seara do Senhor.

E por isso, passados os entusiasmos da Independência, em vez de tornarem à sua missão salvífica no pastoreio das almas, o que se vê no desenrolar dos acontecimentos é assumirem novamente

êsses padres o comando da rebeldia contra o Imperador e novamente participarem de lutas fratricidas; segundo Vilhena de Morais, a revolução de 1824 engoliu cêrca de quarenta sacerdotes, alguns dos quais pagando, com a própria vida, seus lamentáveis arremessos de rebelião política.

Se no meio popular, por motivo dêsses fatôres de desagregação espiritual, as manifestações religiosas se iam reduzindo a um catolicismo exterior, santeiro, espetacular, infiltração de superstições, nos limitadíssimos recantos de uma elite mal definida, ainda penetrava sorrateiramente o racionalismo irradiado da Revolução Francesa, com isto predispondo os meios intelectuais para um espírito anticlerical. Era visível uma espécie de apostasia, em que os políticos e intelectuais se tornavam menos cristãos e cada vez mais deístas. E o resultado disso foi o funcionamento, naquela Fortaleza ainda em cueiros, de uma Academia Francesa, em que veio a predominar um espírito racionalista, heterodoxo e negativista, que conseguiu impregnar de indiferentismo religioso e até de ateísmo militante as inteligências môças, frementes de curiosidade e que com entusiasmo formaram na ala vibrante e desenvolta da chamada Questão Religiosa.

Para o primeiro bispo do Ceará, as perspectivas no âmbito espiritual se ofereciam desanimadoras e talvez desalentadoras se não cultivasse êle aquela fé que transporta montanhas. Daí ter-se lançado com o maior empenho à fundação do seu seminário, sementeira de talentos para erguimento do espírito de fé que continuava latente nas almas e que esperava apenas pelo cultivador, pelo semeador, pelo apóstolo para desabrochar em florações maravilhosas e produzir frutos capazes de alimentar aquela coletividade corroída pela avitaminose doutrinal.

Queria, porém, um seminário imune das arremetidas do regalismo de que era manifestação exuberante o Decreto de 22 de abril de 1863, do Govêrno Imperial, regulando o ensino nessas instituições, contra o que protestara veementemente o Bispo do Pará, D. Macedo Costa, quando declarava a Pedro II: "O Decreto anula a dignidade e os direitos do Episcopado, fere e humilha o Clero da maneira mais injusta, na pessoa dos professôres dêsses pios estabelecimentos."

A dificuldade maior, pois, para sua emprêsa, estava no recrutamento de professôres e dirigentes daquele columbário de nova espécie. Os mesmos percalços se lhe antolharam quando tentou organizar o Cabido Diocesano, do que deu conhecimento ao Ministro do Império, em carta confidencial, donde a desistência dos propósitos a respeito da matéria. Mas, se a Diocese podia prescindir de um cabido, o ordinário não dispensaria jamais um seminário, fôssem quais fôssem os tremedais a enfrentar. Lembrou-se, então,

dos padres da Congregação da Missão, criação de S. Vicente de Paulo, os abnegados lazaristas, que êle conhecera e de quem fôra aluno no Caraça e depois colega e superior em Mariana, quando, nesta última cidade, D. Antônio Ferreira Viçoso, instalou o Seminário Diocesano, em 1848. Conseguida afinal a colaboração dos lazaristas, apressou-se D. Luís em fazer funcionar o Seminário de Fortaleza, autorizado pela Lei 1.144, de 27 de setembro de 1860, inaugurando-o antes mesmo de chegarem os padres prometidos pelo Superior-Geral, residente em Paris.

E foi assim que, no dia 18 de outubro de 1864, no grande prédio em que ainda hoje funciona e que era destinado a um recolhimento de meninas, que a epidemia da cólera havia deixado na orfandade, instala-se o Diocesano, que ali estabeleceu sua residência, tomando a seu cargo a direção do instituto com a regência de várias cadeiras do nôvo centro de ensino e contando com a cooperação do Padre Clicério da Costa Lôbo, auxiliado pelo Padre Fulgêncio, então secretário do Bispado. À matrícula haviam ocorrido doze alunos, que foram aumentando no passar dos dias a ponto de somarem setenta, quando, naquele 18 de novembro de 1864, desembarcaram, na praia da capital cearense, os Padres Pedro Augusto Chevallier, francês, e Lourenço Vicente Enrile, italiano, comissionados pela Casa Mãe para a importante emprêsa de reformadores do Clero e animadores da vida religiosa cearense. No mesmo dia foi o Padre Chevallier investido na Diretoria do Seminário, embora continuasse o Bispo a residir no prédio até o mês de dezembro.

Começava, naquela fundação e naquele funcionamento do Seminário da Prainha, um período de ascensão cultural, que apresentaria a mais bela forma de civilização do povo e de engrandecimento da terra cearense. A nova casa de educação assumiu desde logo uma posição de relêvo na formação intelectual das nossas gerações. Os padres lazaristas, que tomaram a seu cargo essa tarefa por todos os títulos grandiosa, iriam continuar o trabalho admirável iniciado no Caraça e depois desenvolvido pelos Padres da Missão, no Rio de Janeiro, em Diamantina e na cidade do Salvador.

A perfeita formação religiosa e humanista dos membros da Congregação da Missão, que bebiam o saber e a piedade à sombra de mestres do mais alto padrão intelectual, no ambiente fulgurante da Cidade Luz, capacitava-os a dominar, com simplicidade e autoridade, o meio em que se integravam; e começaram a atrair para seus ensinamentos a juventude ansiosa de perfeição, máxime naquela fase da vida fortalezense. Em nossa terra o que avultava era um enciclopedismo de periferia, adquirido em leituras apressadas de autores pedantes, que, negando o sobrenatural, apregoavam hipóteses científicas como fundamento da nova ordem cultural.

Os padres lazaristas já haviam vivido as horas pressagas do

naturalismo empavonado em doutrina vitoriosa e estavam devidamente aparelhados para enfrentar o racionalismo e oferecer o necessário antídoto ao materialismo entorpecente do radicalismo propagado pela Revolução Francesa. Embora formados para missionários, nem por isso deixavam de cultivar as ciências e as letras, o que lhes facultava aliar, a uma vida espiritual profunda, uma atividade intelectual que propiciava estabelecer os fundamentos de uma firme renovação católica. Assim, tôdas aquelas manifestações de um reacionarismo prejudicial à Igreja eram reduzidas às suas proporções verdadeiras, como espantalhos mal forjados por espíritos trêfegos, mais desejosos de notoriedade do que defensores de princípios científicos.

Daí o papel surpreendente do Seminário no desenvolvimento cultural do Ceará. Dêle começaram a sair não apenas padres cultos e operosos, que iam carregando para as abandonadas paróquias do interior, com a prudência dos santos, a dedicação e o ânimo forte de um heroísmo construtivo e civilizador, mas também inteligências fulgurantes que, nêle se tendo desenvolvido, desistiam da carreira eclesiástica, sem deixar, no entanto, de exercer, no meio em que passavam a atuar, uma influência decisiva através de multiformes atividades leigas a que se devotavam.

Foi no Seminário de Fortaleza, cognominado certa feita de "pequena universidade", que a cultura cearense alcançou meios e modos de realizar-se, passando a firmar-se nas letras e nas ciências, fornecendo às culminâncias do Direito, da Medicina, da Engenharia, da Literatura, da Política, da Magistratura, do Jornalismo, da História, da Poesia, da Oratória, da Carreira Militar, do Magistério Superior, da Música, do Comércio, da Indústria, vultos dos mais destacados, nomes dos mais cintilantes. E esta tarefa não se esgotou no correr dos tempos: ainda hoje se desenvolve, numa afirmação pujante e feliz de que os seminários não são apenas canteiros de sacerdotes, mas também fonte respeitável de elevação e aperfeiçoamento do nível cultural de um povo.

Confirma-se desta sorte a opinião de Eucken, ao sustentar que só por meio do elemento religioso, e não sem êle ou contra êle, é possível desenvolver uma cultura profunda e verdadeiramente real e humana.

A vivência intelectual torna-se perfeita consonância com a verdadeira ciência e com a melhor literatura, quando aliada ao ideal da religião bem compreendida. A intimidade e a profundeza dos laços que interligam sociedade e religião permitem o fortalecimento não apenas da fé mas também da cultura. Isso mesmo diz Charles Dawson, no seu memorável estudo sôbre **Religião e Cultura.** Dêle é a afirmação de que a técnica e a organização material não bastam. E acrescenta: "Se a nossa civilização quer recobrar a sua vi-

talidade ou mesmo sobreviver, não deve descuidar dos seus fundamentos espirituais, antes convencer-se de que religião não é questão de sentimento pessoal, alheia às realidades objetivas da sociedade, mas, muito ao contrário, é o próprio coração da vida social e a fonte de tôda a cultura viva."

Ora, o Ceará do penúltimo quartel do século XIX não dispunha de elementos próprios e seguros para a formulação de um programa de integração progressiva da juventude no senso profundo da verdade e no valor incomensurável e misterioso dos supremos ideais humanos.

Muito ao revés, desapercebido o ambiente intelectual de recursos adequados para a formação de uma cultura metòdicamente construída, tornava sumamente propícia a invasão do espírito racionalista forrado de materialismo e irreligiosidade, facilitando a difusão de idéias que levariam fatalmente a um absenteísmo religioso, quando não a um negativismo inconsistente, mas capaz de influir em inteligências despreparadas para qualquer reação a uma dialética atraente e capitosa.

Foram os padres lazaristas que trouxeram ao mundo, que se iria transformar em ebulição, o fermento civilizador das novas gerações de cearenses, de envolta com a luz cristã, que é uma luz de vida, que não só dá um sentido e um valor à vida, senão também porque, plasmando-a, transforma-a e assimila-a como um princípio vital. E por isso o Seminário de Fortaleza veio a ser não só o viveiro de numerosos, dedicados e santos ministros do Senhor, mas ainda o laboratório em que espíritos desprovidos da vocação sacerdotal encontravam instrumentos espirituais para a consolidação de um saber que iria resultar não apenas em triunfo pessoal dos seus portadores, como um motivo de glorificação e de progresso do povo e da terra, de que passariam a figurar como vultos destacados e nomes imperecíveis.

Graças ao Seminário de Fortaleza, para o Ceará rumaram, e aqui se estabeleceram, e aqui ensinaram, e aqui irradiaram sabedoria, ciência e santidade os admiráveis filhos de São Vicente de Paulo, oriundos dos quatro cantos da Europa, desde a França à Itália, da Espanha à Alemanha, da Holanda à Bélgica, da Lorena a Portugal. A êles acompanhava uma tradição de cultura e com êles se transferia um armazém de conhecimentos que propiciavam uma irradiação de saber, jamais alcançado, se dispusesse o homem autóctone apenas das escassas contribuições dos afortunados jovens que, abeberando-se no tumulto literário promovido pela chamada Escola do Recife, para aqui traziam as estreitezas de raciocínios mal digeridos, através do ceticismo de Kant, do racionalismo de Leibnitz, as chamadas "novidades da Alemanha", ou do transformismo de Darwin e do evolucionismo de Spencer.

Daí, no tocante aos lazaristas, poder atribuir-se ao Ceará aquilo que o Padre Júlio Maria demonstra a propósito da obra da civilização brasileira, que não se teria iniciado senão muito tarde sem a perseverança das ordens religiosas.

Na hora em que se rememora a centenária existência do Seminário de Fortaleza, os homens de estudo, os homens de letras, os homens que, aplicando o dístico do Instituto do Ceará, dão aos documentos o máximo de atenção paciente, não podiam deixar de aduzir os seus aplausos e as suas homenagens àqueles que, por inspiração e vontade do primeiro bispo da Diocese, se apresentam diante da história da nossa cultura, como os mais eficientes fautores do estabelecimento e do desenvolvimento das atividades intelectuais da nossa terra.

A própria Faculdade de Direito, fundada em 1903, resultou da iniciativa e da persistência do "espírito de Antônio Augusto de Vasconcelos, imperduràvelmente influenciado pelas lições teológicas recebidas no Seminário de Fortaleza", conforme expressões textuais de Raimundo Girão, membro do Instituto do Ceará e da Academia Cearense de Letras, na sua **História da Faculdade de Direito do Ceará.**

É de indeclinável e imperativo dever dos cearenses em geral, mas de modo particular dos que hoje constituem as elites culturais do nosso povo, externar, de modo explícito e cabal, a gratidão de nossa gente para com os heróis dêsse século de lutas na arena das idéias e do ensino. Em primeiro lugar, para com D. Luís Antônio dos Santos, que deve ser apontado não só como o primeiro Diocesano do Ceará, mas também como o primeiro animador da nossa cultura, o desbravador incontestável da ignorância religiosa e do atraso mental em que se encontrava seu rebanho, até então abandonado à própria sorte. E a prova de que era êle realmente uma grande figura de sacerdote e de intelectual se vai encontrar na decisão do Imperador Pedro II, indicando-o à Santa Sé para ocupar a alta dignidade do primado episcopal com sede na Bahia, cumulando-o ainda com o título de Marquês do Monte Pascal. Com isso, teve Dom Luís que se afastar, em 1881, dos braços da "espôsa dos seus primeiros amôres", a sua diocese tão querida. No entanto, levava no coração o consôlo de haver, dêsses amôres sobrenaturais e prolíficos, entregue à Igreja Cearense, 208 presbíteros, sagrados ministros de Deus por suas mãos e disseminados pelo povo, em todos os recantos do Estado, a êle transportando, através dos novos capitães de Cristo, com o fogo de uma formação intelectual bem construída, a fôrça impetuosa da Caridade. Esta, por sua vez, iria desbordar em novas paróquias, onde a luz da fé bem difundida atingiria também os desvãos das inteligências, até então impedidas de

realizar-se por falta dêsses admiráveis acendedores de lampiões, que são os sacerdotes católicos.

Por igual é mister repetir, num eco centenário, os nomes daqueles construtores intelectuais e espirituais do Seminário, nomes que, apesar do acento estrangeiro, se tornaram familiares no seu tempo, seja das conversas nas rodas cultas, seja do linguajar do povo em geral, porque, além de mestres profícuos, eram também missionários indefessos. Que nossa alma se curve agradecida ante êsses hoje bons fantasmas, dignos de veneração tôda especial, e que se chamavam Pierre Augusto Chevallier, Vicenzo Enrile, Beltran Marie Pratt, Trucco Bartolomei, Giuseppe Maria de Santacroce, Michelle Pazienza, Godofried Heck, Acchile de Paolo, Archadie Dorme, Louis Dinet, Alfonso Castaldo, Enrico Rigal, Alberto Ângelo Bruno, Afonso Ferrigno, João Batista Ribeiro, Júlio Simon, Tobias Dequidt etc.

Ao lado dêsses filhos de outras terras, mas pela graça do Espírito Santo irmãos diletos e mesmo pais putativos das novas gerações da intelectualidade cearense, convém destacar as primícias dos seus ensinamentos, vergônteas magníficas da cêpa que se aclimara sob nossos céus, com êles colaboraram e a êles deram as primeiras demonstrações da vivaz e irradiante inteligência dos rebentos da Terra do Sol. Mal saídos do Seminário, muitos ainda no Curso Teológico, tomaram nas mãos o facho da sabedoria que os padres lazaristas sustentavam, e deixaram gravada, na história do estabelecimento, a fama imperecível de um magistério que se impôs realmente à altura das exigências de um ensino todo especializado. E vêm à lembrança os Padres Clicério da Costa Lôbo, Manuel Peixoto da Silva, Scalígero Maravalho, José Laurindo dos Santos, Bruno Rodrigues da Silva Figueiredo, João Cordeiro da Cruz Saldanha, Luís Bezerra da Rocha, Antônio Lira, Valdivino Nogueira, Rodolfo Cunha, Francisco Silvano de Sousa, Joaquim Severiano e José Barbosa Magalhães.

Infinita seria a lista, caso procurasse abranger todos os cem anos de inolvidável magistério de regulares e seculares que pontificaram no Seminário de Fortaleza, como também seria inconcebível silenciar os nomes de D. Joaquim, D. Manuel, D. Antônio, que, no govêrno diocesano, jamais excluíram a importante casa de formação sacerdotal dos seus mais íntimos afetos e das suas mais desveladas cogitações.

O intuito, porém, dentro da tarefa imposta à Academia Cearense de Letras e ao Instituto do Ceará, é permanecer nas fronteiras do centenário estabelecimento e focalizar, no tempo da sua aparição, as suas repercussões nas atividades intelectuais incipientes de uma comunidade que, por influência de tão admirável soda-

licio, chegaria a conquistar, no meio cultural brasileiro, lugar dos mais invejáveis.

E para que êsse preito de gratidão e essa manifestação de simpatia e aprêço dos coevos se concretizem num alvo ainda vivo, dirigimos, neste momento, nossos olhares curiosos e satisfeitos para essa tríade humana de espíritos de escol que, na oportunidade, apresentam e comprovam a grandeza e a santidade da Congregação da Missão em Fortaleza: os venerandos e veneráveis, embora humildes e voluntàriamente apagados, Padres Pedro Zingerlé, Guilherme Vaessen e Tomé Verman. Êles são como que os últimos abecerragens da gloriosa tribo que, por cem anos, ocupou o território hoje sob jurisdição totalmente cearense, de posse de tão sérios encargos. É que já não era mais possível aos padres lazaristas, ante a redução sempre maior dos seus contingentes missionários, manter com o mesmo diapasão e ritmo que as circunstâncias, os tempos e o número sempre crescente de alunos reclamam, a casa que, durante cem anos, foi objeto único dos seus amôres, fundamento e razão de ser das suas atividades intelectuais.

As gloriosas cãs dêsses três heróis do Catolicismo assumem para nós a feição de lenços brancos que nos dizem adeus. E é a êles em particular que apresentamos, nesta hora solene e feliz de transbordamentos interiores, tôda a gratidão e tôda a reverência do Ceará, em pêso, especialmente da alma cristã cearense. Graças a êles e aos seus companheiros do apostolado pedagógico, graças à sua atuação em nossa terra pode o Ceará apresentar-se diante do Brasil católico como um viveiro de vocações realizadas, oferecendo ao altar sacrifical da fé, uma legião de 677 sacerdotes, ordenados na centúria de anos iniciada em 1864, juntamente com 17 ministros do Senhor, que atingiram a plenitude do sacerdócio e passaram a ocupar sedes episcopais nos quatro cantos do País.

Voltando agora nossas vistas para os atuais dirigentes do glorioso Seminário de Fortaleza, apresentamos-lhes felicitações pelo triunfo da instituição que agora estão tendo a alegria de presidir. E formulamos os mais sinceros votos por que continuem a manter vivo o renome e elevem mais ainda, se possível, o conceito dessa casa, que se tornou exemplar pela irradiação de um saber fundado na virtude, no bem e na verdade.